|  |
| --- |
| **DISCIPLINA: Introdução e História da Psicanálise – 60h** (descrever o nome da disciplina aqui) |
| **TEXTO: A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana** |
| **AUTOR (A) DO TEXTO: Paola Carloni** |
| **NOME ALUNO: XXXXXXXXX** |

|  |
| --- |
| **FICHAMENTO DO TEXTO:** |
| **1º) Resumo (não é obrigatório realizar, mas caso deseje é interessante):** A construção da Psicanálise se relaciona com a própria história de Freud. O autor percebeu em elementos a sua volta as bases para teorizar sobre o ser humano e o sofrimento psíquico, que resultaram na Psicanálise. Sigmund Freud tentou entender a gênese da histeria e se esbarrou na sexualidade humana e a partir disso criou o conceito de inconsciente, derivando daí formulações importantes, como as duas tópicas que explicam a constituição do aparelho psíquico humano, o conceito de libido, o Complexo de Édipo e a teoria da incompletude. Esses importantes constructos freudianos são a base deste artigo que, por meio de uma revisão bibliográfica, pretende dar subsídios para aqueles que iniciam os estudos desta teoria, que revolucionou o pensamento sobre o ser humano no século XX.  **2º) Citações (constar o número da página tirado as citações literais, ou seja igual do texto que você optou a fazer a leitura. É importante que essas citações possam estar relacionadas com algum conceito, ou assunto tema que você gostou no texto):** A Psicanálise se constitui como uma teoria desenvolvida por Sigmund Freud, tendo como marco inicial a publicação da obra *A Interpretação dos Sonhos*, no início de 1900. Os estudos de Freud, que levaram à elaboração da teoria, começaram alguns anos antes, quando ainda eram realizados na área de formação do autor: a medicina (FREUD, 1996b).  Freud (1996a) concluiu, por intermédio desses estudos, que além da consciência outra lógica operava no homem, em que alguns conteúdos permaneciam não revelados ao sujeito: o inconsciente. A Psicanálise considerava tudo de ordem mental como sendo consciente ou inconsciente. O inconsciente é ambivalente, pois o tempo não é linear e contrários coexistem, como o não é o sim. Dessa maneira, o sujeito pode amar e odiar ou querer e não querer ao mesmo tempo, seguindo uma linha dialética.  Ao tentar entender o sofrimento psíquico de pacientes diagnosticadas com histeria, Freud acaba por perceber e construir diversos conceitos ligados à constituição do psiquismo humano. Conceitos complexos que são desenvolvidos nos quarenta anos de história da Psicanálise, desenvolvida por Freud, e ainda em mais de cem anos de Psicanalise em que outros autores teorizam a partir dos constructos freudianos.  Ele desenvolve duas teorias do aparelho psíquico. Na primeira teoria do aparelho psíquico ou primeira tópica freudiana, se divide o psiquismo em inconsciente, pré- consciente e consciente. O inconsciente, para Freud, era uma instancia psíquica em que o paciente sabe, mas não sabe que sabe. O inconsciente não segue uma lógica linear, mas atemporal e dialético, onde contrários coexistem. O inconsciente é estruturado como linguagem e é a fonte de energia do psiquismo humano. O pré-consciente seria responsável por armazenar as informações que não estão na consciência naquele exato momento, mas podem ser acessadas sempre que necessário. Há um fluxo constante entre as três instâncias.  Posteriormente ele desenvolve a segunda teoria do aparelho psíquico ou segunda tópica ao perceber que o psiquismo era mais complexo do que a divisão em inconsciente, consciente e pré-consciente. Neste segundo momento ele divide a estrutura psíquica em id, ego e superego. O id é a fonte de energia pulsional (libido). Ele é inconsciente e regido pelo Princípio do Prazer. O ego faz a mediação entre os desejos do id, as impossibilidades da realidade externa e as interdições do superego. Está ligado ao Princípio de Realidade, por meio do qual o homem pode se tornar civilizado, tem parte consciente e outra inconsciente. O superego é o herdeiro do complexo de Édipo e acusa os desejos do id, antes mesmo que cheguem à consciência. O superego possui uma maior parte inconsciente e outra pequena consciente.  **Princípio do Prazer é um conceito elaborado por Freud em que ele estabelece que há uma tendência geral do psiquismo em obter prazer, eliminando o desprazer, por meio da diminuição dos níveis de tensão intrapsíquicos. Esse prazer é buscado de maneira imediata e a qualquer custo, não levando em conta a necessidade de autoconservação do ego. Para regular esse princípio, há, em relação com ele, o Princípio de Realidade, que media a relação do Princípio do Prazer com o mundo externo, segundo a ordem da economia psíquica, que prevê a eliminação do desprazer como prioritário em relação à satisfação das pulsões.**  Freud (1996a) divide o desenvolvimento da libido em quatro fases, que não são lineares, mas podem se sobrepor, mesmo que teoricamente se defina uma ordem: fase oral, fase anal sádica, fase fálica, latência e fase genital. De acordo com a fase, o investimento libidinal se encontra em um órgão ou parte do corpo. Elas serão fundamentais para entender importantes formulações na teoria freudiana, como o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.  De acordo com Freud (1996e), ao nascer, o sujeito perde o conforto do útero materno, em que suas necessidades eram atendidas antes do desejo ser instaurado. No útero materno, antes mesmo que o bebê sentisse fome o cordão umbilical já proporcionava o alimento necessário e assim também em relação às outras necessidades. Em contato com a realidade, o bebê se vê diante de uma situação desprazerosa e se sente ansioso. Circunstância que se repetirá em outros momentos em que o sujeito se sentir ameaçado.  Presumimos, em outras palavras, que um estado de ansiedade é a reprodução de alguma experiência que encerrava as condições necessárias para tal aumento de excitação e uma descarga por trilhas específicas, e que a partir dessa circunstância o desprazer da ansiedade recebe seu caráter específico. No homem, o nascimento proporciona uma experiência prototípica desse tipo, e ficamos inclinados, portanto, a considerar os estados de ansiedade como uma resposta do trauma do nascimento (FREUD, 1996e, p. 132). |